

TRAGÉDIA NA ÀSIA / Quatro brasileiros que vivem na Tailândia relataram os momentos de pânico durante o tremor. Eles descreveram a angústia para chegarem logo à rua, mensagens de despedida para a família e o receio de desabamentos

Entre o medo da morte e a comoção

» RODRIGO CRAVEIRO
» ISABELLA ALMEIDA

Pânico, apreensão, certeza da morte iminente. O **Correio** entrevistou quatro brasileiros que moram na região do terremoto — três deles em Bangcoc, capital da Tailândia, e outra em Chiang Mai, não muito distante da fronteira com Mianmar. Na tarde de ontem (madrugada de hoje, pelo horário tailandês), eles ainda tentavam se recuperar do susto. Durante o tremor de 7,7 graus na escala Richeter (aberta, raramente chega 9), uma empresária paulistana gravou uma mensagem de adeus à família, enquanto descia os 35 andares de seu prédio pelas escadas. Enquanto saía de casa, uma estudante corria e rezava pela própria vida.

Horas antes de embarcar para São Paulo, a pedagoga e educadora Mirella Aires, 44 anos, estava com o marido e a filha, de 10, no shopping Central Plaza Bangna, no centro de Bangcoc, quando ocorreu o terremoto, às 13h20 de ontem (hora da Tailândia). “Achei que fosse uma tontura ou um mal-estar. Falei para o meu marido para sairmos rápido do shopping, porque talvez o prédio estivesse tremendo ou caindo. Estávamos no quarto andar do estacionamento. Quando entramos no carro, ele começou a balançar de um lado para o outro. Pensamos que era um problema no veículo, mas vimos que o prédio também sacudia. Percebemos tratar-se de um terremoto”, contou, à 1h50 de hoje (15h50 de ontem em Brasília), dentro do avião, a caminho do Brasil.

Na rua, Mirella e a família, que moram na Tailândia desde julho de 2024, viram muitas pessoas desesperadas, correndo com os celulares nas mãos. “Os guardas

direcionavam as pessoas para a fora dos prédios. Crianças foram dispensadas das escolas, e as obras, paralisadas.”

A também paulistana Estela dos Santos Souza, 33, vive em Bangcoc há sete meses. Por telefone, a empresária relatou que mora no 35º andar. “No 40º andar, na sala. Por volta das 13h20 (hora local), pensei que estivesse com tontura e cheguei a imaginar que fosse uma labirintite. Aí senti que era o prédio que tremia”, afirmou.

Quando correu até a sala, Estela viu o marido, o francês Benjamin Maury, “de pé e com os olhos arregalados”. “Ele estava desesperado e repetia: ‘Vamos embora daqui!’. Meu marido ouviu gritos no corredor e viu a

Lillian Suwanrumpha/AFP



Ambulâncias e viaturas dos bombeiros em meio ao trânsito pesado, perto de prédio desabado, em Bangcoc

persiana bater. Peguei o celular e saímos, com a roupa do corpo; ele, descalço. Todos corriam. A sensação era de que prédio cairia e a gente morreria. Descemos os 35 andares em 10 minutos. Na metade do caminho, o edifício parou de balançar”, descreveu. Fora do prédio, Estela e Benjamin passaram sob uma “minicachoeira”. “Olhamos para cima e vimos que a piscina tinha rachado e caía água do 40º andar.”

Treinamento

O agente de viagens Wendell Oliveira, 34, natural do Rio de Janeiro, estava no 22º andar de

um prédio quando os tremores começaram. “Senti as coisas balançando”, disse. Segundo Oliveira, que mora na Tailândia há 10 anos, a população ficou bastante assustada. “O país não tem histórico de terremoto, então, diferentemente de nações como Japão ou Filipinas, famosos pelos terremotos, aqui ninguém tem treinamento para essas situações e o pessoal ficou bem impactado.”

“Está tudo bem por aqui, na medida do possível. Como o epicentro foi em Mianmar, país vizinho, sentimos o tremor daqui. A exceção de um prédio em construção, que infelizmente caiu, não houve muitos danos em

Bangcoc. Muitos edifícios foram esvaziados e o metrô foi fechado por segurança. A verdadeira tragédia ocorreu em Mianmar, mas lá é uma ditadura, então, as informações saem com menos transparência”, acrescentou.

Samara Cesar, 30, estava no segundo andar de sua casa, em Chiang Mai, no norte da Tailândia, a três horas da fronteira com Mianmar. “O abalo pegou todo mundo de surpresa, a maioria ficou meio em choque ou sem reação. O que fizemos foi sair de casa e ir para a rua. A sensação era de que tudo iria desabar. Corri, rezando para dar tempo de sair.”

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Eu me senti como se estivesse no (ataque de) 11 de setembro. Foi realmente bem pesado. Pensei que o prédio fosse desabar e que eu iria morrer. As pessoas saíram de casa como estavam. Tinha gente de toalha, de pijama, homens de cueca. Ninguém julgava ninguém. Cada um entendia o desespero do outro. Quando descemos os 35 andares, vimos fissuras nas paredes e percebemos que havia um problema na estrutura do prédio. Na escada, cheguei a gravar um áudio em tom de despedida para a minha família.”

Estela dos Santos Souza, 33 anos, empresária, vive em Bangcoc há sete meses

Nascida em Cabo Frio e moradora da Tailândia desde 2022, a estudante e nômade digital afirmou que a população espera pelo resgate dos desaparecidos. “Nossa mente e nossos pensamentos estão com Mianmar e com os trabalhadores procurados sob os escombros de Bangcoc.”

O Itamaraty divulgou nota na qual informou que não tinha notícias sobre brasileiros mortos ou feridos. O **Correio** apurou que o embaixador do Brasil em Mianmar, Gustavo Rocha de Menezes, e os demais funcionários da representação não sofreram maiores impactos com o terremoto.

Colaborou Renata Giraldi

ONU apela para ajuda internacional

» RENATA GIRALDI

O relator especial sobre a situação dos direitos humanos em Mianmar para a Organização das Nações Unidas (ONU), Tom Andrews, alertou ontem que é urgente a ajuda da comunidade internacional ao país asiático. Segundo ele, há quatro anos, a população sofre sob pressão da junta militar que teria preferido investir em armas do que na prevenção de desastres naturais. Uma decisão que põe em risco todos que vivem na região.

“O terremoto de hoje é mais um desastre para o povo de Mianmar, que já vem sofrendo desde o golpe militar lançado há quatro anos. Uma forte resposta internacional é imperativa para levar a ajuda aos

muitos que estavam na mira deste terrível terremoto”, recomendou o enviado da ONU para a região.

Para Andrews, há descaso por parte do governo militar na adoção de medidas preventivas e agora nos cuidados com as vítimas. “A resposta da junta (militar) ao ciclone Mocha e ao tufão Yagi demonstra sua disposição de (escolher se) armar ao invés de ajudar em meio a desastres naturais. O mundo deve trabalhar com o governo de Unidade Nacional, organizações étnicas e grupos da sociedade civil para alcançar aqueles que necessitam de apoio de forma desesperada.”

O enviado das Nações Unidas aproveitou ainda para ressaltar que a preocupação dos militares



General Min Aung Hlaing, chefe da junta militar, visita os feridos

se concentra nas eleições, que querem promover, em dezembro. “A junta militar de Mianmar espera que o mundo aceite o que ela alega

que será uma eleição no final deste ano. Não se pode realizar uma eleição livre e justa quando há milhares de prisioneiros políticos atrás

das grades e o direito à liberdade de expressão e à reunião é ilegal.”

Golpe militar

Em 2021, militares conseguiram dar um golpe em Mianmar e prenderam a conselheira do estado Aung San Suu Kyi. Ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1991, e o então presidente do país, Win Myint.

Os militares acusam o antigo governo de fraude eleitoral e pretendem manter-se no poder por um período de um ano. A comunidade internacional reagiu à tomada do poder pelos militares, entendendo que houve um atentado à democracia.

Atualmente, Mianmar está sob o comando do general Min Aung

Hlaing, que promete a realização de eleições, no mais tardar em janeiro. Ele coordena uma ação violenta de repressão sangrenta contra qualquer dissidência. Para líderes internacionais e de grupos de direitos humanos, o plano de eleições é uma farsa.

Com pouco mais de 53 mil habitantes, Mianmar sofre com a intensa desigualdade social. A concentração de renda está um percentual mínimo de pessoas ligadas ao governo do país. De maioria budista, tem influências muçulmanas e de crenças tradicionais. Tanto é que muitos moradores foram surpreendidos pelo terremoto enquanto estavam em suas orações, inclusive monges com suas roupas tradicionais.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Mercosul rumo ao Pacífico

A viagem do presidente Lula à Ásia, na semana que se encerra, antecipou passos que devem tomar forma no segundo semestre, quando o Brasil assume a presidência rotativa do Mercosul. No Japão, e depois no Vietnã, foi anunciada a intenção de abrir negociações sobre acordos comerciais com o bloco sul-americano.

Em ambas as escalas, a presença de dezenas de empresários na comitiva sinalizou claramente o principal objetivo: intensificar e ampliar os negócios na área do Pacífico, para além da sombra imponente da China, maior parceira comercial do país. Em Tóquio, especialmente, onde foi recebido com a pompa e circunstância de uma visita de Estado, Lula lançou

como desafio a retomada do patamar de US\$ 17 bilhões no fluxo anual de trocas, atingido em 2011 e hoje reduzido a US\$ 11 bilhões.

A exemplo do que foi tratado com os japoneses, também em Hanói os esforços se concentraram em duas frentes. Uma delas é a venda de aviões da Embraer. Outra é o levantamento de barreiras sanitárias à importação da carne brasileira. Estão em andamento estudos para a instalação, no Vietnã, de uma unidade de processamento concebida como plataforma para distribuir o produto no promissor mercado do Sudeste Asiático.

Na etapa vietnamita da viagem, um ingrediente foi acrescentado pelas pressões comerciais de Donald Trump, que resultaram no aceno aos

EUA para que exportem mais soja — um dos carros-chefes da pauta brasileira nas trocas com o país.

Tijolo com tijolo

À parte o viés econômico-comercial, as conversações em Hanói se desdobraram para o terreno geopolítico. De olho no acirramento da disputa comercial entre EUA e China, as duas maiores economias do mundo, Lula fez honras ao proverbial nacionalismo, expresso no imponente mausoléu dedicado ao patriarca Ho Chi Minh. Lembrou a dura guerra de duas décadas com tropas norte-americanas e alertou para os riscos de um retorno à divisão do mundo em esferas de influência das grandes

potências, como na Guerra Fria.

O discurso serviu como embrulho para reforçar o convite ao Vietnã para que se associe ao Brics como país parceiro. O visitante insistiu com o colega, Luong Cuong, para que venha ao Rio de Janeiro participar da cúpula do bloco emergente, em julho.

O Brasil ocupa neste ano a presidência do Brics, que tem entre as prioridades a integração de um grupo de países parceiros. O Vietnã esteve presente na cúpula de 2024, na Rússia, mas reluta em avançar com a aproximação.

Arestas múltiplas

A resistência do governo comunista de Hanói se assenta, em parte, no peso específico exercido no bloco pela China. O império milenar é objeto de desconfiança histórica no Vietnã, que impôs

ao vizinho poderoso uma derrota fulminante na breve guerra que travaram em 1979.

Arestas entre países membros, como entre parceiros e candidatos, são recorrentes na construção e expansão do Brics. Uma delas explica, em parte, a visita anunciada do presidente da Rússia, Vladimir Putin, à Índia. As relações bilaterais tiveram maior peso durante a Guerra Fria, em boa parte graças à rivalidade compartilhada em relação a Pequim. Nos últimos anos, Nova Délhi estreitou laços com Washington, mas o premiê Narendra Modi busca espaço de manobra diante das ameaças de punição comercial lançadas por Trump.

Rivalidade em campo

De volta a Brasília, a cúpula do Brics e a presidência do Mercosul entram no horizonte

mais imediato do Planalto e do Itamaraty, em um ano que reserva ainda, para novembro, a conferência ambiental COP30, em Belém.

Em especial no bloco sul-americano, Lula terá de contracenar com um rival declarado — além de tudo, avesso à integração regional. O presidente da Argentina, Javier Milei, que troca farpas com o colega brasileiro desde a vitoriosa campanha pela Casa Rosada, no ano passado, não faz segredo dos planos para negociar um acordo comercial bilateral com os EUA, passo com potencial para implodir o Mercosul.

Se serve como amostra, o ultradireitista não perdeu a ocasião e tripudiou, em suas redes sociais, sobre a goleada imposta pela Argentina ao Brasil nas eliminatórias para a Copa de 2026.